

COVID-19

Imprevisibilidade é maior risco que a economia portuguesa enfrenta

Governo pode rever em baixa projeções de crescimento económico em abril. Economistas dizem que impacto depende da dimensão e duração do surto.

ÂNIA ATAÍDE
aataide@jornaleconomico.pt

Ainda é cedo para prognósticos sobre o impacto que o coronavírus terá na economia portuguesa, em reflexo do abrandamento do crescimento mundial, mas o país não deverá passar incólume. Apesar de evitar alarmismos, tem sido esta a mensagem passada pelo Governo e partilhada pelos economistas consultados pelo Jornal Económico, numa altura em que a imprevisibilidade sobre a escala da propagação e a duração do surto do COVID-19 são apontadas como o fator que torna refém a assertividade sobre as projeções.

Esta quarta-feira, o primeiro-ministro abriu a porta a uma revisão em baixa do crescimento de 1,9% projetado para este ano quando publicar o Programa de Estabilidade, que irá enviar para Bruxelas. "Divulgaremos até 15 de abril as novas estimativas de crescimento para 2020 e os anos seguintes e não deixaremos de refletir este risco na projeção a apresentar", disse António Costa, durante o debate quinzenal na Assembleia da República.

No Orçamento do Estado para 2020, o cenário macroeconómico do Governo assenta numa conjuntura favorável em que a zona euro cresce 1,2% e o PIB mundial 3%. Mas a proposta do OE contempla uma simulação de quatro riscos para a economia e apesar de nenhum deles ser a propagação de um vírus à escala mundial, inclui um que pode dar algumas pistas

sobre o futuro. Segundo cálculos do Governo, se num cenário hipotético a procura externa crescesse menos dois pontos percentuais (p.p.) do que os 3,2% projetados no cenário base, o crescimento do PIB em Portugal poderia desacelerar para 1,6%, como consequências da queda das exportações. Neste cenário, as Finanças estimavam que esta evolução "teria implicações residuais no saldo das administrações públicas (-0,01 p.p. do PIB)".

O economista João Duque acredita que a redução do crescimento do PIB poderá ser na sequência do surto de dois pontos percentuais abaixo dos atuais 1,9% projetados, em consequência do "único fator favorável, que é o preço do petróleo". O ex-presidente do ISEG disse ao Jornal Económico que o preço da energia poderá minimizar o impacto mais negativo provocado pela diminuição das exportações de serviços e de bens, realçando o corte nas projeções económicas de "mercados muito significativos" para Portugal como Alemanha, Itália ou França.

Também o economista Paulo Trigo Pereira destaca que "o impacto na economia [portuguesa] depende muito do que acontecer em países como Espanha ou a Alemanha". O professor universitário do ISEG sustenta que "um abrandamento económico nesses países terá impacto na economia em Portugal ao nível das exportações".

No entanto, considera que a di-

menção das consequências irá depender muito do desenvolvimento do surto, nomeadamente a evolução do número de casos a nível internacional e local.

"Vai depender muito do número de pessoas que contraírem o vírus e o número de mortos. Se for relativamente pequeno, o impacto vai ser residual em termos macroeconómicos. No cenário mais negativo, se houver uma atitude de algum pânico e alguma contração a nível europeu, Portugal será mais afetado", disse. No entanto, considera que ao nível das finanças públicas o impacto será relativamente reduzido e que o consumo não deverá cair significativamente.

Já o economista e professor da Universidade do Minho Fernando Alexandre alerta para a dificuldade de antever o impacto global. "Vai ter efeitos de choques em cada país afetado", disse, salientando que estes terão um efeito-cascata dada a interligação das economias.

"É muito imprevisível dada a complexidade do sistema atualmente", sublinha, realçando que o nível de interdependência é ainda mais acentuado do que se vivia na crise financeira de 2008. "As economias estão todas ligadas e não existe um modelo que consiga prever com exatidão o impacto que um fator deste género terá", frisa.

Ainda assim, antecipa que o investimento será um dos componentes mais afetados.

Centeno diz que excedente não é uma “preocupação”

Enquanto na Assembleia da República António Costa abria a porta a uma revisão das projeções do PIB, no Ministério das Finanças Mário Centeno garantia que outra meta macroeconómica “não é uma preocupação”.

“Estamos certos que temos os meios para responder”, assegurou Centeno, em resposta aos jornalistas quando questionado se o excedente orçamental poderia estar em causa devido ao coronavírus. E garantiu que o país não irá hesitar em adotar políticas contracíclicas se for necessário.

Para o ministro das Finanças “ainda é cedo para fazer contas”, mas acredita que a trajetória das contas públicas portuguesas nos últimos anos permitiu que Portugal tenha “capacidade para reagir” sem colocar em causa a “sustentabilidade das contas públicas”. ●

Economistas destacam que abrandamento do crescimento dos parceiros comerciais terá impacto nas exportações portuguesas

